

# RUBEM AZEVEDO LIMA

CORREIO BRAZILIENSE

FHC

08 JUL 1996

## As ilusões do poder

A um presidente deve-se, quando menos, o respeito à dignidade do cargo que ocupa, tenha-se ou não ajudado a elegê-lo. Mas dele também se exige que respeite o próprio cargo. Ao descer à arena partidária, deixando de agir e falar como governante de todos os seus concidadãos, um presidente assume a postura de homem de partido, isto é, de uma facção da sociedade, sem as prerrogativas do cargo. Iguale-se, pois, a qualquer político, ficando sujeito aos dissabores das críticas e dos debates.

Ao falar, há dias, no horário gratuito do PSDB, embora dissesse que não iria a palanques eleitorais, o presidente Fernando Henrique exerceu, num palanque eletrônico em rede nacional, seus direitos democráticos. Mas fez um engajamento de alto risco, em que se fala o que quer e se pode ouvir o que não quer. Como sempre, FHC foi preciso na retórica do monólogo. Só não teve precisão no que falou. A mesma falha, aliás, se repetiu nas entrevistas comemorativas do aniversário do Plano Real.

Para FHC, com o real, os ricos ficaram menos ricos e os pobres, menos pobres. Reformulou-se pois o *slogan* do PSDB, segundo o qual todos melhoraram com o plano. Mas as estatísticas mostram que aumentaram as riquezas dos ricos e a pobreza dos pobres, ampliando-se portanto a distância entre uns e outros, o que deu ao Brasil o campeonato mundial de má distribuição de renda. Sobre desemprego, após considerá-lo problema mundial — sem ressaltar sua gravidade nos países periféricos, obedientes à doutrina de globalização econômica — FHC frisou que o número de desempregados baixou no Brasil em 1996. Mas, não. O desemprego cresceu e está 1,4% acima das cifras de dezembro de 1995. Já o total de “trabalhadores” sem carteira assinada subiu 2,4%. Para o governo, é como se todos os brasileiros da economia informal tivessem trabalho fixo.

Disse FHC que ajudou os bancos falidos, por intermédio do Proer, com recursos do próprio sistema bancário, mas para salvar os correntistas. Não falou, porém,

dos empréstimos de dinheiros públicos sem juros nem do rombo das poupanças, devastadas pela inflação e pelos rendimentos baixos. Depois, atacou os aliados que o pressionam e a oposição que “se opõe ao Brasil”. A análise de suas falas assusta. O presidente parece achar-se predestinado a salvar o país, cujos males não seriam a política oficial nem o governo, mas a cultura de corrupção e de corporativismo dos brasileiros etc.

FHC negou que pense em reeleger-se, mas se traiu. “Deus fez o mundo em sete dias. No Brasil são necessários pelo menos sete anos.” Enfim, ele crê que derrotará qualquer adversário em 1998. Ah, os predestinados! Outro Fernando, ex-presidente, achava-se o máximo. Agora, dança hula-hula no Taiti, com uma coroa de flores na cabeça. Pensava-se que ele fosse o melhor aluno da escola de auto-endeusamento político no Brasil, aquilo que se chamava, antigamente, o último abencerrage, na ilusão de acreditar que governava bem o país. Que nada. Foi só o primeiro. Ou dos primeiros, mas não foi o último.